



DEPARTAMENTO DE TAQUIGRAFIA, REVISÃO E REDAÇÃO

NÚCLEO DE REDAÇÃO FINAL EM COMISSÕES

TEXTO COM REDAÇÃO FINAL

TRANSCRIÇÃO *IPSIS VERBIS*

CPI - TRÁFICO DE PESSOAS NO BRASIL		
EVENTO: Audiência Pública	Nº: 1118/12	DATA: 07/08/2012
INÍCIO: 11h41min	TÉRMINO: 12h55min	DURAÇÃO: 01h12min
TEMPO DE GRAVAÇÃO: 01h12min	PÁGINAS: 23	QUARTOS: 15

DEPOENTE/CONVIDADO - QUALIFICAÇÃO

DAISY CRISTINA DA SILVA COSTA – Jornalista.

SUMÁRIO: Esclarecimentos à CPI acerca de denúncias de tráfico de pessoas no meio esportivo.

OBSERVAÇÕES

Houve intervenções fora do microfone. Inaudíveis.
Há palavras ininteligíveis.



O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - Havendo número regimental, declaro aberta a 18ª Reunião da Comissão Parlamentar de Inquérito destinada a investigar o tráfico de pessoas no Brasil, suas causas e consequências, na vigência da Convenção de Palermo.

Informo aos Parlamentares que foi distribuída cópia da ata da 17ª Reunião. E, assim sendo, indago se há necessidade de sua leitura.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Solicito a dispensa da leitura, Sr. Presidente.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - Acatado o pedido de dispensa de leitura, do Deputado Luiz Couto.

Em discussão a ata.

Não havendo quem queira discutir, em votação.

Os Srs. Deputados que concordam com a ata mantenham-se como estão.

(Pausa.)

Aprovada a ata.

Quero informar que a eleição, a votação da Vice-Presidência, da 1ª Vice-Presidência, já está iniciada. Nós já temos vários Deputados que já exerceram o seu direito ao sufrágio, na eleição do candidato, Deputado Luiz Couto, que foi indicado pela Liderança do Partido dos Trabalhadores. E até o final desta sessão nós deveremos estar concluindo a votação e a consagração, conseqüentemente, do Deputado Luiz Couto na 1ª Vice-Presidência desta Comissão, em razão do afastamento, do pedido de afastamento da Deputada Erika Kokay, que exercia até então essa função de 1ª Vice-Presidente, em função de estar assumindo a Presidência de outra CPI, também desta Casa.

(Pausa.)

Requerimento do Deputado Luiz Couto e do Deputado Arnaldo Jordy, que *“requer realização de audiência pública para ouvir (...) a Sra. Daisy Cristina da Silva Costa, jornalista responsável por pesquisa sobre tráfico de pessoas no meio esportivo”*.

E queria encaminhar a votação da matéria concedendo a palavra ao Deputado Luiz Couto.



O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Sr. Presidente, acho importante que nós possamos ouvir a Daisy, que aqui se encontra. Nós consideramos importante o trabalho que ela vai apresentar, com sugestões inclusive para o enfrentamento da questão do tráfico de seres humanos na área do esporte.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - Muito bem.

Em votação o requerimento, portanto.

Os Deputados que concordam com o requerimento permaneçam como estão.

(Pausa.)

O requerimento está aprovado.

Então, assim sendo, eu queria convidar a jornalista Daisy Cristina da Silva Costa, que é convidada desta CPI, para prestar esclarecimentos acerca de denúncias de tráfico de pessoas no meio esportivo. *(Pausa.)*

Bom, então, eu passo a palavra à jornalista Daisy.

A SRA. DAISY CRISTINA DA SILVA COSTA - Bom dia.

Em contato com... A minha vinda até aqui, a convite do Deputado Arnaldo Jordy, é oriunda de um trabalho que eu já venho há 4 anos apurando, dentro, em especial, do meu Estado, o Estado do Pará. E muito me assustou até a questão de quanto existem pessoas que brincam com o sonho dos outros e levam eles a esse caminho, que é o tráfico humano em geral. Em especial, os meninos e meninas também, dentro da área esportiva, em várias modalidades.

Então, trabalhando com documentários no Pará, eu consegui dados de um grupo de empresários que troca meninos entre os Estados, sublocando eles em escolinhas de futebol, até que se tire a documentação necessária desses meninos para que eles sejam enviados — pelos dados que eu tenho hoje —, tanto para a Europa quanto para os Emirados Árabes.

E isso é, assim, de muita tristeza. É uma tristeza grande quando você, além de trabalhar o sonho da família dessas pessoas, você mexe também com o sonho desses meninos. E muitos deles que vão até para os Emirados Árabes... A gente tem dados de que, para poderem voltar de lá, chegam a entrar até para a rede de tráfico e prostituição também. Há dados, inclusive, de dois meninos do Piauí — eu estou atrás do paradeiro concreto deles — que tiveram inclusive que trocar de sexo para poder voltar, em meio a um trabalho de 8 meses nas redes de prostituição para



poder juntar dinheiro para vir embora. São os dois casos que eu apurei do Piauí e outro de Santos, que chegaram a ir para os Emirados Árabes fazer esse tipo de trabalho.

Por quê? Enquanto a coisa acontece aqui, é legal aos olhos de quem está investigando, de quem vai em cima. É um procedimento legal porque todos esses meninos são contratados de times, são sublocados em escolinhas de futebol, estão trabalhando e atuando como jogadores normais. Mas, quando passa daqui para fora, a documentação é retida, e esses meninos são colocados para trabalhar de várias formas, tanto sexualmente quanto na rede de tráfico, até mesmo em trabalho escravo dentro das próprias escolinhas de futebol, tendo que se submeter a vários trabalhos para treinar esses jogadores de lá ou nem treinar. Têm que trabalhar de qualquer outra forma.

E a minha vinda até aqui foi através de uma solicitação minha, de socorro até, ao Deputado, porque nós temos dados de que na região de Goiás há 19 jovens, sublocados em vários Municípios do Pará, só na espera da documentação para poderem ser enviados tanto para a Europa quanto para os Emirados Árabes, até onde eu sei. Mas não tive sucesso, de forma que o meu trabalho é feito... é de cunho próprio, não tenho apoio. Esta é a primeira vez que eu venho, que eu entro em contato com alguém da CPI, é a primeira vez que eu exponho o meu trabalho porque a origem dele é uma coisa muito pessoal, é através dos exemplos e da luta de um grande amigo, professor, mestre, qualquer coisa que vocês queiram denominar, que infelizmente a gente perdeu, por meio disso. E eu prometi para mim mesma que ia dar continuidade ao trabalho dele, não me interessava de que forma fosse. Estou falando de Amarildo Formentini. E hoje eu tive a honra de conhecer o filho dele.

Então, a partir daí, da perda dele, eu comecei a fazer documentários. Fazia algum tipo de documentário que me levasse até o local, em parceria com Prefeituras, em parceria com alguma Secretaria, que me levasse até os Municípios onde eu precisava obter esses dados. E, concomitante com o meu trabalho, ia apurando outras coisas também. De lá até aqui são 4 anos que eu venho nessa luta de parceiros que às vezes tiram do próprio bolso para não termos que passar por certos sistemas burocráticos que impossibilitam o nosso trabalho, como a situação



em que eu estou hoje. Amanhã estará acontecendo, no Município de Iporá, em Goiás, o último jogo onde eu provavelmente vou ter contato com esses meninos com que eu tenho trabalhado, lá do Pará, porque, se termina o Goianão — como eles chamam o campeonato local —, a partir dali já não tenho mais como ter contato, porque não sei para aonde eles vão ser mandados. E, geralmente, essa troca, tanto para fora do País quanto entre os Estados onde essa quadrilha atua, vem acontecendo nesses grandes jogos. Em dia de jogos, na verdade, porque não há fiscalização, todo mundo está muito ocupado com alguma coisa, e tudo se dá dessa forma.

Então, a minha preocupação... Eu queria pedir ao Secretário para passarmos um vídeo aqui. Não sei se conseguiram. Estávamos com dificuldade porque não há...

(Intervenção fora do microfone. Inaudível.)

A SRA. DAISY CRISTINA DA SILVA COSTA - Mas, para quem quiser buscar, é só ir à página do *Globo Esporte*. Há vídeos, há um vídeo em que eles falam de uma peneira que foi feita com um número considerável de jovens, que tinham que fazer uma grande atividade e passar por uma peneira rigorosíssima para passar 1 semana no Barcelona. Dois jovens apenas foram escolhidos.

Agora, eu pergunto, senhores: qual a situação psicológica dos outros, que ficaram para trás? Nesse vídeo, vocês vão poder entender boa parte da minha preocupação. Se a exploração sexual já é nojenta e muito difícil — já está batida demais entre a mídia, mas não consegue alcançar o coração dessas famílias que, mesmo assim, cedem seus menores a esse tipo de atividade —, imaginem quem está brincando com um sonho, que boa parte de nós tem um bocado. Quem aqui não gostaria de ter um filho ou uma filha que fosse medalha de ouro em algum lugar? Ou que pais mais fanáticos, os homens que gostam de futebol realmente, não gostariam de ter um filho jogador de futebol?

Então, isso mexe tanto com a gente quanto com a sociedade, mas ela infelizmente ainda está de olhos fechados para isso. Eu gostaria de compartilhar isso com vocês. E, se alguém quiser fazer alguma pergunta sobre alguma coisa, eu estou à disposição. As minhas palavras hoje são *“eis-me aqui”*. E de verdade expor



toda essa apuração de trabalho que nós temos dentro do tráfico humano no meio esportivo, que é muito triste ainda.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - Muito obrigado, Daisy, que realmente fez um esforço muito grande para dar sequência a essa investigação de cunho próprio. Há algumas pessoas muito próximas que foram envolvidas nesse tipo de crime, de delito, e isso a motivou, além do compromisso assumido com a pessoa que ela revelou aqui, um amigo, de dar continuidade à investigação dessas denúncias. E, com um esforço muito grande, ela está aqui hoje e está tentando seguir até Goiânia, para dar sequência a essa... Nunca teve o apoio de ninguém. Isso já foi denunciado no Estado do Pará. E nós achamos importante, Deputado Luiz Couto, que ela pudesse trazer aqui, porque são situações concretas de uma coisa que já vínhamos ouvindo há algum tempo, mas ainda com muito pouca informação e materialidade sobre esse episódio que, pelas informações que tivemos, é muito mais recorrente do que imaginamos.

Quero facultar a palavra aos Deputados, ao Deputado Luiz Couto e a quem mais queira fazer alguma inquirição a Daisy.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Sr. Presidente, em primeiro lugar, é importante perceber que Daisy realiza essa investigação — ela que é jornalista, faz o trabalho investigativo como jornalista — verificando a situação de adolescentes, de jovens que são levados para escolinhas e depois são utilizados por outros clubes, de outros países, e muitas vezes lá, não dando certo, para retornarem ao País, devem se submeter a uma série de atividades, até a ações criminosas, a que eles são obrigados para não morrerem de fome e poderem voltar ao País.

Eu pergunto a você, Daisy: desde quando você realiza esse trabalho de investigação? E se você já recebeu ameaças explícitas, implícitas, veladas, ou através de telefonemas, de cartas, ou mesmo de pessoas que chegaram para você e disseram: *“Olha, Daisy, pare com isso aí porque você pode não se dar bem”*. Então, essa era a primeira pergunta que eu gostaria de fazer a você.

Depois, o seguinte: nessas informações que você tem... Você fala de jovens que foram levados para os Emirados Árabes. Você tem também informações de outros países para os quais esses jovens também são levados e da situação deles?



Em terceiro lugar, alguns clubes... Ao identificar essa situação, o Ministério Público entrou com ações contra esses clubes, pedindo inclusive que eles assinassem um Termo de Ajuste. Há informação de que dois clubes — um de São Paulo, a Portuguesa Santista, e o Atlético Mineiro — já foram condenados por não respeitarem essa situação, da saída de jovens para outros países, ou mesmo o chamado tráfico interno, de pessoas que vêm e que são desrespeitadas. Mas a informação diz que o Cruzeiro, o América e o Vila Nova se negaram a assinar o Termo de Ajuste de Conduta para se enquadrarem ao que determina a Lei Pelé e o ECA. No Rio de Janeiro também há outros clubes que são investigados.

Eu perguntaria a você: lá nesses Estados em que você tem investigado há outros clubes que são citados também, por favorecerem esse tipo de tráfico, interno ou mesmo internacional, de jovens, usando a marca do esporte, para que eles possam ir...? E muitas vezes são abandonados, e essas pessoas têm que se submeter a outras atividades para retornarem ao País.

Era isso o que eu gostaria de perguntar.

A SRA. DAISY CRISTINA DA SILVA COSTA - Bom, Deputado, o início disso tudo, como o senhor me perguntou, se deu através de — muito depois que eu consegui entender — apurar algumas coisas decorrentes da perda desse meu amigo.

Quando eu iniciei o trabalho, eu estava num jornal de um Município bem pequeno do Pará, que se chama IPIXUNA do Pará. Então, eu tomei mais coragem porque havia uma senhora, que chegou comigo, tentando denunciar um Vereador local... Que seria possível... Caso, não é? Ele abusaria sexualmente da filha dela, de 9 anos, e da outra de 12. Mas, depois, como eu não denunciei e pedi que ela fosse encaminhada à SEJUDH, em Belém, ela não procurou, e o próprio Vereador armou uma casinha para mim. Ele me ligou perguntando se eu ia cobrir a ida da Governadora a um tal Município, eu falei que sim. E, quando cheguei ao Município, ele disse: *“Ah! onde eu deixo os exames, as provas de que você precisa para você não publicar na mídia que eu estou envolvido com essas duas meninas?”* Eu falei: *“Olha, eu não mexo com esse tipo de trabalho, eu não faço esse tipo de matéria. Mas, se você quiser deixar algum documento, deixe na portaria do hotel, que na minha passada eu pego”*. E, *“nessa minha passada eu pego”*, eu grávida de 4



meses, meio chão de estrada para entrarmos — até Belém, de IPIXUNA, é no chão — , eu cheguei, entrei, deixei a minha bolsa no balcão, e um cara chegou me abordando... Um cara, não, um investigador de polícia chegou me abordando, já me dando voz de prisão.

Eu até brinquei porque, quando eu vim do banheiro, falei para o meu amigo que estava lá — era Dia dos Namorados, nunca vou me esquecer: *“O que você está bebendo?”* Ele falou: *“Água”*. Eu falei: *“Me dá 1 real de água?”* Peguei a água da mão dele e bebi. Quando o cara chegou e falou para mim *“você está presa”*, eu achei que era uma brincadeira. Eu falei: *“Presa por quê? Você está maluco?”* Ele falou: *“Por extorsão”*. Eu falei: *“Só se eu acabei de extorquir água aqui do meu amigo. Já? A polícia aqui funciona, não é?”* Então, daí em diante ele me levou para dentro do carro do Vereador. O tal documento eram 7 mil reais, que ele tinha arrecadado junto com o Prefeito, junto com toda a corja amiga dele. E, nessa situação, eu fui presa.

Depois, eu tive que ir atrás da mãe da garota e também dar a mesma quantia de dinheiro para ela, para ela ser presa junto comigo. E todo o tempo sob a mira de ameaças, de tudo. Por fim da história, eu fui para o presídio, sangrando, passei uma noite inteira sendo torturada psicologicamente. Não me molestaram, graças a Deus. A partir daí, eu fui para o presídio de Paragominas, já sangrando demais, perdendo meu filho. Olhei para a moça que foi me receber e pedi, por favor, que ela não me deixasse morrer. Aí, ela me levou para o hospital de Paragominas. Quando me trancaram na sala e me perguntaram o que estava acontecendo, eu pedi que chamassem o diretor do hospital e expliquei tudo o que estava acontecendo. Lá eles me resguardaram, numa sala de isolamento, até que, depois, na última semana, depois que conseguiram controlar a minha gravidez e tudo, que eu estava realmente bem, me levaram. Ainda passei mais 3 dias, porque estava complicado... A mesma pessoa que eu indiquei à mãe da garota que procurasse, que era o Dr. Gilmores, que era responsável pela Pasta de Direitos Violados da SEJUDH de Belém, foi a mesma pessoa para a qual eu liguei, à noite. Acompanhou, ainda discutiu com o Vereador porque sabia que ele estava errado, porque ele estava acompanhando tudo. E foi a mesma pessoa que foi me buscar, com muito custo para conseguir me



tirar de lá. Ele foi me buscar no presídio, e eu determinei que, a partir dali, nunca mais eu me calaria. E continuei o meu trabalho.

Por que eu comecei sozinha? Eu não tenho com quem contar, não dá para confiar. Eu vi a polícia sendo comprada na minha frente, eu vi delegado sendo comprado, dinheiro sendo repartido, mãe de garota que foi presa ali junto comigo — porque eu tive de fazer ela ser presa em flagrante — sair de mãos dadas com o Vereador e entrando no inquérito como testemunha contra mim. Então, se lermos todo o processo, é vergonhoso. Vergonhoso para a política, vergonhoso para a polícia do nosso Estado, do nosso País.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - Em que ano foi isso, Daisy?

A SRA. DAISY CRISTINA DA SILVA COSTA - Foi em 2006. O processo ainda está correndo.

Eu tenho 3 filhos, homens. Um está morando em Manaus, que é o menorzinho, o Davi, que está perfeito, graças a Deus. Está morando em Manaus. O Meu filho mais velho, de 17 anos, mora com a minha mãe, no interior. E só o de 5, o Lucas, é que mora comigo, porque nem na minha casa, em Santa Isabel, que hoje está invadida, ocupada por uma pessoa, a mando também — porque eu apresentava o *Jornal de Santa Isabel*.

Então, assim, de 2006 para cá, todo o tempo houve perseguições. A casa da minha mãe teve que ser fechada. A minha vive transitando: foi para Curuçá, foi para outros Municípios. Eu também. Hoje, a situação é essa.

Bom, já expliquei o início e as ameaças. Hoje, só dos meus amigos mesmo, que dizem assim: *“Daisy, pelo amor de Deus, a gente gosta tanto de você, não faz isso com você, não. Larga isso. Você não vai dar conta sozinha”*. Mas eu não consigo. Parece vício. Sabe? Em 1 ano, eu peguei... Eles dizem que eu coloco eles em roubada. *(riso)* Mas todo fim de semana eu pedia a alguém, se fosse viajar para algum lugar, que me levasse. Aí me levavam. Eu peguei um DVD, o meu *notebook*, e passava. Reunia, nas escolas, um grupo de mulheres. Eu procurava. E passava o filme *Tráfico Humano*.

Eu tenho o depoimento de três garotas me agradecendo porque, naquele dia, elas estavam de malas prontas para irem embora para o Suriname e desistiram



porque eu fui lá, falei, mostrei aquele vídeo para elas. E era exatamente o processo que tinha aparecido no filme.

“Ah! Daisy, como você conseguiu fazer esse trabalho sozinha, sem dinheiro, sem apoio, sem nada?” Eu tenho amigos. Quando você quer fazer realmente, você não mede esforços. O senhor tem um exemplo, não é? Então, o meu trabalho, hoje, é assim. Ameaças há, sim. A minha vida é uma loucura. O meu medo de chegar até aqui e depor... Eu não durmo tem 2 dias, porque eu sei que a partir de hoje, assim como em todo lugar há joio e trigo, a partir de hoje eu tenho que ter o triplo do resguardo que eu já tinha. Eu já tenho filhos no mundo. Então, eu sou responsável diretamente por outras pessoas. E isso me dói muito.

Respondendo a sua última pergunta, sobre os lugares, em muitos lugares há, mas, no meu trabalho, eu não pude acompanhar. Mas eu sei de gente que vai para Índia, Suriname, Portugal. A Europa em si é fonte de grande recebimento de meninos, tanto daqui quanto de outros países que estão em crise também. Porque, assim como eles mandam daqui para lá, eles mandam de lá para cá também. Não acontece só aqui. Há uma troca de lá para cá também. Há lugares no interior que não têm nada, mas há jogadores de fora ali, ou ensinando uma língua, ou limpando o chão, sei lá, fazendo qualquer coisa. Mas está ali, porque gerou algum tipo de renda para as pessoas.

E eu lembrei, quando o Deputado estava falando, que o mais difícil nesse trabalho, Deputado, é que não se tem prova. Ninguém quer pagar ou ninguém, até hoje ainda, pagou o preço de ser a pessoa certa no lugar certo, porque é tudo muito legal. Há os contratos de futebol, os meninos são amparados, mas, no fundo, no fundo, a realidade é outra. Até que se tenha essa prova, essa quadrilha vai muito longe. Não há como provar, a não ser que você tenha a coragem de estar lá no meio e gravar.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Isso se dá através de empresários? Você fala de quadrilha. É uma organização ou são empresários?

A SRA. DAISY CRISTINA DA SILVA COSTA - Para mim se dá como uma quadrilha, porque há gente de fora, são empresários de fora, são empresários daqui. Então, para mim, configura-se como uma quadrilha.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - E eles vão em cima das escolinhas?



A SRA. DAISY CRISTINA DA SILVA COSTA - É. Eles colocam olheiros...

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Olheiros.

A SRA. DAISY CRISTINA DA SILVA COSTA - É. Dentro dos Municípios, que vão a clubes pequenos ou então a escolas, a grupos desportivos de escolas. Há índice também dentro de grupos jovens de igrejas e também de movimentos estudantis. Então, a todos os lugares onde há jovens, onde há uma oportunidade, onde há grupos eles vão. E não necessariamente no futebol. O futebol é o carro-chefe, digamos assim, mas há índice de outras atividades também.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Ligadas ao esporte?

A SRA. DAISY CRISTINA DA SILVA COSTA - Ligadas ao esporte. De meninas da ginástica rítmica há, de dança, de grupo de dança, de grupo folclórico há muito também. Mas aí já passa para outra história.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Você falou desse caso dos Emirados. Eu gostaria que você... Você disse que eles tiveram que fazer mudança de sexo, para poderem...

A SRA. DAISY CRISTINA DA SILVA COSTA - Sim. Esses dois meninos do Piauí e outro, de Santos...

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Eles eram, do Piauí, de que região?

A SRA. DAISY CRISTINA DA SILVA COSTA - Não tenho o dado agora, Deputado.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Não?

A SRA. DAISY CRISTINA DA SILVA COSTA - Falei faz muito tempo com eles... que eu soube disso. Eles viajaram com 16 anos para lá. Chegando lá, eles tiveram que entrar para uma... Era uma rede de prostituição, não era nem time de futebol. Como eles tiveram que fugir, fugiram da situação, do cativo em si, do trabalho escravo, mas tiveram que entrar na rede. Daí, eles entraram para o para o ramo da prostituição e dali para operar, e mudar de sexo, e tudo. Sempre há mais alguém querendo fazer dinheiro em cima disso. É a oportunidade de desespero juntada ao desespero deles para virem embora. Aconteceu dessa forma. Tiveram que ser operados e hoje têm a vida desse jeito. Já estão casados, seguiram a vida deles e tal. Acostumaram-se até com a ideia.



Eu me lembro do relato desse menino. É Gabriel o nome dele. Ele disse que o pior momento de tudo isso foi ele ter o maior desejo de voltar para a casa dele e, quando chegar, a mãe não o reconhecer, porque ele estava completamente modificado.

Então, é complicado. Até então, os que eu tenho apurados são esses dois casos.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - A Polícia Federal investiga, de acordo com matéria publicada em *O Globo*, 120 casos de tráfico de pessoas. Diz:

“O sonho de se tornar jogador de futebol ou modelo alimenta uma indústria de tráfico de pessoas que faz dos adolescentes brasileiros as vítimas principais. A Polícia Federal já investiga 120 casos, abertos entre 2010 e 2011, que também incluem o aliciamento para prostituição, venda de órgãos, adoção ilegal e trabalho escravo”.

Isso foi um depoimento prestado pela Chefe da Unidade de Repressão ao Tráfico de Pessoas da Polícia Federal, Vanessa Gonçalves Leite de Souza. E ela fala de diversas rotas.

Na investigação que você faz, no trabalho que você faz, essas rotas incluem os Estados do Norte e do Nordeste. E o destino é Sudeste e países da Europa e do Oriente Médio. Você colocou o caso dos Emirados.

E há um dado que chama a atenção: de um time de futebol de Santos, chamado Portuguesa Santista. Lá foram encontrados...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - Deputado Luiz Couto, permita-me, com perdão, a interrupção.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Pois não.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Arnaldo Jordy) - Quero só transferir aqui, momentaneamente, a presidência ao Deputado Miriquinho Batista, enquanto V.Exa. continua.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - O.k. (*Pausa.*)

Foram encontrados meninos, que estavam num lugar diminuto, sem alimentação adequada, sem condições de higiene. Os pais foram ludibriados — quer



dizer, foram enganados: de que eles seriam grandes atletas e que iriam depois para outros países. O fato é que esses jovens foram enganados.

Eu pergunto: na realidade que você vê lá no seu Estado... Ou seja, a Portuguesa Santista foi condenada pelo uso de jogadores de 14 a 16 anos em situação de trabalho precário. Doze meninos dividiam três colchonetes de casal, numa quitinete, em más condições de higiene e com geladeira vazia.

É claro que o sonho de alguém que começa a ser reconhecido na sua comunidade é o de ser aproveitado por um grande clube. Eu pergunto se essa realidade acontece também lá no Estado em que você vive; se isso ocorre mais com clubes ou jovens que vêm do Norte e do Nordeste, como são as duas rotas; e para que clubes esses jovens seriam encaminhados, aqui no Brasil, do qual depois sairiam para outros países.

Estamos verificando que há uma lei que impede... Mas nós temos casos, aqui no Brasil, de pessoas que foram para esses clubes, foram bem-sucedidas, e já havia um contrato — inclusive eram menores. Mas eles só podiam sair do clube depois que tivessem a maioridade.

Então, se isso ocorre também naquela região toda do Norte, se você tem dados sobre isso.

A SRA. DAISY CRISTINA DA SILVA COSTA - Deputado, os clubes e as rotas são diversos. Como eu lhe disse, há um intercâmbio entre os Estados. E eles procuram atuar... Eu não tenho os nomes precisos dos clubes porque são clubes pequenos, dos interiores. Basicamente é isso. Daí, as condições em que eles são recebidos, em que convivem e têm que se manter dentro desses clubes realmente são precárias.

Agora, o que eu apurei, dentro de clubes, com dados e nomes... O Clube do Remo, no Pará. Não só ele abriga jogadores já profissionais em uma péssima condição, desumana, como também os outros clubes — o próprio Paysandu, a Tuna. A Tuna... Há depoimento de jogadores profissionais, artilheiros de renome, que saíram trocando de clube e dizendo que passavam 1 semana com o mesmo lençol e que as condições de lá eram nojentas, precárias. Imaginem as condições que são oferecidas em um time de base ou em escolinhas de futebol. Se você não tem estrutura em times grandes, de uma capital, como o que estou citando, os três



clubes grandes do Pará; se eles não têm estrutura para receber um jogador profissional, que coloca dinheiro dentro dos cofres dessas diretorias, que movimentam torcida, o nome do time, imaginem os times de base e os times de interior, que nem escolinha de base têm — já recrutam os meninos para o próprio clube. Não há nenhum tipo de cuidado.

E todo time pequeno só está ali para fazer uma espécie de escoamento de valores, oriundos de times maiores. Assim eu vejo, do que eu já apurei.

Com relação a essas negociações, há times também que são sérios e trabalham da mesma forma. Assim como esse povo vai aos interiores, os olheiros, e aponta uma pessoa, eles querem ganhar de todas as formas, sabe? Se aquele menino tem um pai que tira do bolso dele, que vende um terreno e se predispõe a acompanhar esse filho para onde quer que ele vá, com certeza vai ter contato ali com outros times, e ele vai encaminhá-lo para um lugar onde seja legal. Temos o caso do próprio Paulo Henrique Ganso, como outros jogadores que saíram do Pará e de outros Estados e deram certo na vida. Eu vejo dessa forma, em se tratando de futebol, não é? Mas nem todo mundo tem essa condição, nem tem como ir, até porque eles atuam em famílias que ganham 30 reais numa roça ou fazendo carvão, por semana. Então, numa família em que você chega com um valor desse, que tem por semana, e você chega com 500 mil reais, que seja, a primeira coisa que o pai, como chefe de família, vai dizer, é: *“Não, meu filho, vai arrebentar”*. Então, não se tem muito tempo para pensar. A necessidade é muito maior. E a fome não espera. Ele já está ali cansado de estar na lida do interior, todos os dias. Ele não tem tino. É muita pequena a forma que eles têm para tratar disso.

Agora, sempre que pode, a gente entra nas mídias locais — porque tu também não podes expandir muito — e divulga nas escolas, fala: *“Acompanhe seu filho, se houver teste de modelo”*. Eu comecei a desfilar com 7 anos, mas, graças a Deus, minha mãe sempre foi comigo. Então, eu nunca fui molestada, nunca experimentei droga, enfim. Mas eu tinha minha mãe perto. Então, a orientação que a gente dá é justamente essa.

O Santos... A cidade de Santos, em São Paulo, está bem — desculpem-me a expressão — está bem escrachada no sentido disso porque é muito próxima de escoar isso. E a gente tem dois grandes nomes: um é o Ganso, que é do meu



Estado, e o outro é o Neymar, que é o Pelé atual, como dizem lá fora. Então, todo mundo que chega fala: *“Ah! Eu vou levar teu filho para Santos. Ele vai passar pelo CT do mesmo time do Neymar”*. Só o fato de falar, dentro daquela família, que o filho dele vai conhecer o Neymar... Acabou.

Então, é essa a rota que a polícia precisa ver, porque time grande já tem aquele cotidiano com os próprios jogadores dele e também não vai se expor, porque ele ganha de outra forma, ele está ali para receber os jogadores que realmente têm potencial. E os caras também trabalham com isso. Agora, time do interior, sem muita visibilidade, sem muita fiscalização, está muito... deixa muita margem. Eu acho que a fiscalização, em si, deve vir por aí.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - O fato é que nós temos uma exploração dos sonhos, sonhos que muitas vezes são os sonhos do jovem, do adolescente, mas que também são alimentados e fortalecidos pela própria família...

A SRA. DAISY CRISTINA DA SILVA COSTA - Só um minutinho.

Você não conseguiu o vídeo, não?

(Intervenção fora do microfone. Inaudível.)

A SRA. DAISY CRISTINA DA SILVA COSTA - Mas vamos torcer.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - ... pela própria família. Então, é o caso em que o empresário que leva diz: *“Olha, ele vai para lá, mas a família precisaria, para que ele possa ser aceito pelo clube”*... Eles mandavam o dinheiro também, para que eles pudessem ser mantidos enquanto começavam, por conta própria, ou mesmo depois que fossem reconhecidos. Aí, há o retorno para a família.

A SRA. DAISY CRISTINA DA SILVA COSTA - É. Inclusive... Desculpe-me, Deputado.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Sim.

A SRA. DAISY CRISTINA DA SILVA COSTA - Enquanto eles estão em negociação e preparando a documentação desses meninos, eles chegam até a mandar certa quantia para a família, para manter aquilo ali.

Agora, são poucos os pais — como eu lhe falei, a necessidade é muito maior nessas horas — que atinam e dizem assim — só um exemplo: *“Eu convivi sem essa ajuda de custo aqui toda a minha vida e meu filho está inteiro, está indo até jogar fora. Por que eu não pego essa ajuda que o sujeito está me oferecendo e vou junto*



com ele?" É uma brecha. Mas, na hora, ali, não dá para você pensar, você confia demais na mão estendida, que nem sempre é...

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - O fato parece um pouco como... Também na questão das redes de exploração sexual, em que eles são... O sonho de ser modelo, de desfilar — modelo fotográfico — e ficar em várias agências...

A SRA. DAISY CRISTINA DA SILVA COSTA - O senhor citou... Desculpe-me. O senhor citou a questão do tráfico de órgãos.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - É.

A SRA. DAISY CRISTINA DA SILVA COSTA - Eu ainda não comecei.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Sei.

A SRA. DAISY CRISTINA DA SILVA COSTA - Eu só tenho alguns dados.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - No caso de Pernambuco, já foi... Inclusive, já houve uma CPI aqui que tratou dessa questão do tráfico de órgãos e que foi... Ou seja, trouxe diversas informações acerca de pessoas que eram mandadas para outros países. Lá, eram tirados os rins, órgãos, e elas retornavam...

A SRA. DAISY CRISTINA DA SILVA COSTA - É. Hoje, do que já apurei — só acrescentando —, já não funciona mais assim. Acreditem que eu consegui apurar um material... Funciona da seguinte maneira: o contato dessas pessoas vai de quem trabalha no hospital, combinado com quem trabalha nas redes funerárias e IML. Então, uma vez que aquele paciente deu entrada ali e ele tem potencial para esse tipo de coisa, aí um passa a informação para o outro: *"Faleceu e tal, não sei o quê, vai preparar o corpo no IML."* Aquilo já vai dali, quando não, para a funerária, porque decerto ninguém vai querer mexer no corpo de um ente querido, uma vez que ele já está preparado. E muitas vezes já foram encontrados corpos completamente secos, cheios de outras coisas dentro. E os órgãos foram traficados.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - É. Aqui...

A SRA. DAISY CRISTINA DA SILVA COSTA - Eu ainda não mexi com isso...

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Eu sei.

A SRA. DAISY CRISTINA DA SILVA COSTA - ...porque tenho minha cabeça voltada para (*ininteligível*).

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Mas, no caso dos adolescentes que são aliciados para seguir carreira como jogador de futebol, a informação dada foi de que



há inúmeras rotas internas para o exterior. Rotas internacionais com origem em Goiás — e é isso que você estaria procurando investigar —, São Paulo, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, Paraná e Bahia, tendo como destino cidades na Itália, na Suíça, em Portugal e na Espanha, principalmente. Já as dos Estados do Norte têm como destino a região do garimpo na Guiana, no Suriname, e de lá ninguém sabe para onde eles vão.

Agora, uma coisa que eu queria saber de você. Todos eles vão com promessa de conseguir ficar numa categoria de base e realizar grandes contratos.

A SRA. DAISY CRISTINA DA SILVA COSTA - Hum, hum.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Eu pergunto: esses meninos vão com a expectativa de assinar bons contratos, mas, geralmente, quando chegam lá... Só se for um craque mesmo, que começa a aparecer na TV ou no Milan ou outra coisa.

A SRA. DAISY CRISTINA DA SILVA COSTA - É, há uma peneira, não é?

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Por exemplo, há casos de jovens que foram levados para o Irã e para o Azerbaijão, e ninguém sabe informações a respeito dessas pessoas.

A SRA. DAISY CRISTINA DA SILVA COSTA - É porque, muitas vezes, em casos de pessoas desaparecidas, quando voltam, já não têm nem o mesmo sexo, Deputado.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Sei.

A SRA. DAISY CRISTINA DA SILVA COSTA - É esse tipo de afirmação que eu lhe fiz. Quando o rapaz, já rapaz, voltou, a mãe dele não o reconheceu, de tão transformado que ele estava. Muitas vezes, a gente fala: *“Ah, a pessoa está aparecida tem um monte de tempo”*. Mas, quando volta, já volta mudado.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Você está investigando essa situação toda. Para nós, é importante aqueles que estão colaborando para que, de fato, nós possamos fazer com que a nossa juventude possa realizar seus sonhos de forma correta, tendo contrato, acompanhamento da família e tudo o mais. Gostaria de que você, que já estuda essa realidade...

Nós verificamos que, quanto a essas pessoas que vão para o exterior, só é considerado crime se essas pessoas estiverem ligadas ao tráfico sexual, ou seja, à exploração sexual. Nos outros casos não é considerado crime.



Eu pergunto: você, como pessoa preocupada com isso, que sugestões daria para que de fato nós possamos enfrentar essa situação aí de jovens que têm sonhos, e muitos sonhos viram outras situações, não são realizados. Viram pesadelos.

A SRA. DAISY CRISTINA DA SILVA COSTA - É verdade, sonhos que viram pesadelos.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Miriquinho Batista) - Deixe eu perguntar aqui, Deputado Luiz Couto.

Primeiro, você tem informações desses jovens que saem, informações sobre contatos na tentativa de voltarem? Você tem alguns dados nesse sentido? E qual seria a alternativa para eles voltarem? Há alguma alternativa? Uma coisa é querer, outra é conseguir. Você tem alguns dados nesse sentido?

A SRA. DAISY CRISTINA DA SILVA COSTA - Tenho. Eu trabalhei em alguns jornais na Espanha, porque fiz a minha especialização lá, na faculdade Complutense, em Madrid. E acabei fazendo alguns contatos nos jornais. E essas pessoas passam a fazer um trabalho, na verdade, de fiscalização. Como cobrem o esporte, me passam o contato desses jogadores, no caso. E com muitos deles eu conversei através de redes sociais, através de Internet, e eles falam: "*Daisy, olha, o fulano de tal está desesperado para ir embora*". A única coisa que a gente diz para ele é que ele fuja, porque o primeiro método que ele pensa é: se ele conseguir fugir, ele vai procurar uma delegacia, vai procurar... e vai ser extraditado. É a primeira coisa que eles pensam. Outra, infelizmente, é entrar ou para a rede de tráfico de drogas, para o crime, mesmo, ou para a prostituição, para poder ter aquele valor. Porque você não tem contato com nada nem ninguém na cidade. Acontece até aqui mesmo, sabe, Deputado, de um Estado para outro. Às vezes a pessoa é tão humilde, é tão desprovida de informação, que ela não sabe como voltar para a casa dela.

Não vamos muito longe em achar que as pessoas que vão para fora não conseguem voltar. Ela tem até mais chances de voltar para a casa dela do que quem está aqui, até onde eu vejo. E a minha sugestão é que haja ou que se crie uma comissão de fiscalização e acompanhamento dessas pessoas dentro das federações, um trabalho de parceria com as federações esportivas. Porque hoje,



para a gente entrar no estádio e cobrir um jogo, tem que pagar anualmente 300 reais para uma federação que não te dá retorno. É só pelo fato de você estar ali, que é (*ininteligível*).

Agora, por que não dar uma função a essas instituições que estão ali só... fazendo o quê? Eu particularmente não vejo atividade nenhuma, a não ser uma parceria entre ela e a federação. E se tiver como criar uma comissão ou colocar uma pessoa em cada federação, e que ela seja cobrada desse retorno, desses relatórios, eu acho que a gente começa a combater por aí. É a única forma que eu vejo. Porque eu hoje estou em dificuldade e, se tivesse ido no domingo, como eu projetei ir... Cheguei aqui no sábado de manhã para ir para o jogo domingo, em uma cidade de Goiás. Não tive como. Morri na beira por besteira, sabe? Não fui. Ontem, depois que eu conversei com o senhor, eu fui atrás de ver o meu *e-mail*. Tinha lá recado do pessoal, falando: "*Daisy, embarcaram seis dos meninos que você estava em contato*". Ou seja, eu poderia estar lá, porque, para todos os efeitos, para essas pessoas, eu estou indo cobrir um projeto da PETROBRAS que está rodando o Brasil inteiro e que se chama Memorial do Esporte; eles vão criar curtas para serem repassados às TVs na época da Copa. Então, eu tenho porta aberta, converso com o presidente, ligo, falo. Melhor amigo de infância. Mas não estive lá. Então, a minha única oportunidade é estar amanhã para poder ter essa prova e aí, sim, a gente poder fazer alguma coisa, porque concreto, concreto, infelizmente eu acho que ninguém tem, por conta dessas situações, sabe? De chegar lá e falar: "*Não, eu estou mandando o rapaz para fora. Você está duvidando da minha palavra? Eu estou ajudando essa família*". Quão caridoso! Mas não é assim.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Miriquinho Batista) - Também queria uma outra... Por sugestões, eu acho que a gente teria que trabalhar. Se tem a facilidade — facilidade não é —, se tem um trabalho como esse, eu acho que é importante criar uma relação institucional da diplomacia do Brasil com outros países, no sentido de ter um cadastro da saída desses futuros jogadores ou quaisquer outros: dançarinos ou de qualquer outra atividade que o Padre Luiz Couto colocou como sonho, esperança de poder ser bem-sucedido na vida, pelo menos financeiramente.

Então, acho que seria bom a gente propor esse tipo de relação da diplomacia, para que qualquer jovem que sair, ou qualquer pessoa que sair, possa ter um



cadastro — se ele vai, por exemplo, para Portugal. E tanto o cadastro de saída daqui como o da entrada dele lá. Talvez ele tivesse um acompanhamento bem maior, no sentido de estar constantemente tendo a informação da atividade ou do que esse cidadão ou cidadã está passando por lá.

O que você acha dessa ideia?

A SRA. DAISY CRISTINA DA SILVA COSTA - Olha, Deputado, eu me sinto muito honrada com o efetivo de essa ideia realmente ser aplicada dentro das federações ou qualquer outro órgão. Eu vejo as federações. Porque você cria os consulados e tudo... Se tiver um acompanhamento desse jovem que saiu, não só da saída dele, mas um acompanhamento real dele lá, um relatório cotidiano disso, eu acho que já é um bom caminho, até porque a gente amarra um monte de coisas sem precisar se desgastar. E eu me sinto honrada até com o meu trabalho, se essa comissão, essa parceria, for criada, porque hoje, na minha atividade de captar esses dados, a gente acaba fazendo isso, só que é muito perigoso. A gente acaba perdendo a identidade, perdendo família. Tem que mentir, sabe? E não é muito saudável; psicologicamente não é. Quando a gente tem esse tipo de acompanhamento, sim, a gente se sente honrado. E eu acho que é uma forma muito eficaz de a gente combater isso. Porque, quando se tem um controle, aí já fica bem mais complicado de eles fazerem esse tipo de atividade. Que não é muito difícil. Basta... A questão é o controle. Porque futebol mexe com sonho, mexe com dinheiro, mexe com um monte de coisas. Ele movimenta o mundo inteiro, mas também é muito fiscalizado dentro de outros órgãos da FIFA, de um monte de coisas. E por que essa veia ligada ao esporte não pode ser? Então, eu acho muito louvável. Se realmente essa comissão for criada, eu me coloco à disposição para contribuir.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Miriquinho Batista) - Porque todos que saem devem sair com os seus documentos...

A SRA. DAISY CRISTINA DA SILVA COSTA - Sim.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Miriquinho Batista) - ...em dia. Por exemplo, passaporte, alguma coisa assim. Então, teria como...

A SRA. DAISY CRISTINA DA SILVA COSTA - É. E também se você... se alguns de nós sairmos daqui hoje — principalmente no Aeroporto de Barajas, em



Madri —, a gente tem que apresentar o endereço e uma carta-convite da residência onde vai estar. Por que não os clubes que estão contratando apresentarem esse tipo de documentação, e ter uma comissão que vá lá fiscalizar depois se realmente isso é existente? Porque ele vai saber a procedência... a natureza cotidiana daquele garoto que está ali. Então, já é um mal que a gente corta bem pela raiz, não é? Eu vejo assim. Agora, ter que se criar tudo isso é uma mão de obra muito grande. Mas a gente confia. Eu espero que seja feito assim. *(Pausa.)*

Eu ainda estou esperando o vídeo. *(Pausa.)*

O SR. PRESIDENTE (Deputado Miriquinho Batista) - Não, só enquanto... Eu acho que os instrumentos legais para fazer esse registro são possíveis. Hoje, se tem um instrumento legal para se tirar o passaporte, imagina se não há condições, inclusive, de... juntos, não é, nessa questão. O que vai, eu diria assim, viabilizar é o acompanhamento, sei lá, mensal ou bimensal, alguma coisa nesse sentido, pelo menos para a gente saber.

A SRA. DAISY CRISTINA DA SILVA COSTA - É, eu acho que...

O SR. PRESIDENTE (Deputado Miriquinho Batista) - Não é pegar um *chip* e colocar...

A SRA. DAISY CRISTINA DA SILVA COSTA - Claro.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Miriquinho Batista) - ...no garoto, mas a gente poder ter a...

A SRA. DAISY CRISTINA DA SILVA COSTA - Não, eu vejo de forma coletiva, até para os órgãos saberem, os times saberem que há um controle, que tem uma preocupação, uma fiscalização com relação a isso. Que não está assim tão solto. Você brincar com o sonho dos outros talvez seja até fácil, porque você vai na ferida da pessoa. Mas quando se tem um controle, quando se tem uma preocupação, uma fiscalização em cima disso, tu já dizes: *“Espera lá. Vamos ver, não é? Como é que eu vou fazer isso aqui?”* Até mesmo se criar, Deputado, e se der muito espaço, a gente sabe que a coisa pode ir para o outro lado. Então, quanto menos espaço você der nessa questão de fiscalizar, eu acho que menos dor de cabeça nós vamos ter.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - O fato é que normalmente a família tem alguma convivência com essa situação. Convivência no sentido de que ela acredita



que aquele seu filho vai ser o melhor jogador, vai ganhar as páginas dos jornais, da TV, ou seja, vai ser motivo de orgulho e também de investimento, porque se for um bom jogador vai ganhar dinheiro e vai mandar inclusive para a família, vai melhorar as condições de vida.

Você disse que, no caso lá onde você investigava, uma mãe não apenas... ou seja, ela foi presa, mas depois foi usada como testemunha contra você.

A SRA. DAISY CRISTINA DA SILVA COSTA - Como testemunha. Saiu de mão dada e tudo com o Vereador da delegacia.

O SR. DEPUTADO LUIZ COUTO - Nesse caso, essa situação ocorre conscientemente? Quer dizer, a mãe verifica que seu filho, em vez de ser um excelente atleta, está sendo vítima da exploração e, mesmo assim, não denuncia isso, mas entra em acordo com o explorador, para não denunciar? Isso é normal ou é algo que ocorre de forma esporádica, ou seja, não é o natural? São casos que acontecem como casos emblemáticos, mas que não são a situação? A maioria dos pais, ao verificar que seus filhos estão nessa situação, procuram denunciar isso ao Ministério Público, à Justiça? Então, pergunto se isso é um caso isolado ou se isso é natural, a conivência, a omissão, a complacência com relação à situação do filho que foi explorado e que agora, pelo menos... Ou seja, o filho voltou, mas voltou exercendo uma outra atividade que não... e trouxe algum recurso para a família.

A SRA. DAISY CRISTINA DA SILVA COSTA - É, há duas situações aí. Uma, quando a mãe — geralmente é a mãe, porque o coração avisa: *“Meu filho está em perigo”* — começa a ter aquelas coisas de ir atrás, de verificar. Pronto, cai a bomba na família, dizendo que realmente aquele menino está correndo risco e tal. Então, ela tem duas posições. Uma, ela se desespera, e, naquele desespero, alguém se compadece e a encaminha para algum órgão; ou ela realmente está recebendo dinheiro, porque não tem a necessidade e até a vergonha de dizer que um filho saiu da casa dela jogador, homem, foi para tal lugar, não conseguiu e teve de voltar como um derrotado. Como as cidades são pequenas, todo mundo se conhece, a vergonha também chega a ser bem maior. Então, as famílias se calam. Depois que eles não conseguem fazer isso, acabam fugindo para alguma atividade para angariar fundos para poder voltar e para manter o sustento da família de lá. Porque tem muito menino que foge, que consegue se desgarrar desse tipo de situação, e



entra para o tráfico, para a prostituição, grupo de risco, e continua sustentando a família como se estivesse arrebrandando, como se fosse o melhor jogador do mundo. Porque ele jamais vai querer dizer para a mãe dele ou para a família, que apostou, acreditou, deu um voto de confiança para ele sair de casa pequeno, que é um derrotado. Ele jamais vai querer dizer para a mãe dele que está numa rede de prostituição.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Miriquinho Batista) - Eu queria ajudar também um pouco aí nessa posição do Deputado Padre Luiz Couto. Eu acho que, em alguns momentos também — e aqui é importante também destacar isso, pelo menos eu entendo assim — a gente vê muita reportagem de meninos pobres que conseguiram vencer no futebol. Mas a grande questão — e a imprensa divulga isso —, a grande questão é o percentual daqueles que vencem no futebol. Quantos têm no futebol que ganham menos do que o salário mínimo inclusive? Quantos? Os pequenos clubes chegam, no máximo, a pagar o salário mínimo.

A SRA. DAISY CRISTINA DA SILVA COSTA - Desculpem, é aquilo que eu citei dos três maiores clubes do Estado: Remo, Tuna e Paysandu. Então, o que eles fazem? Os meninos que vêm do interior, que vêm de uma origem de categoria de base... Tem jogador que ganha 5 mil, 10 mil, e aquele menino ganha 500 reais, ganha mil reais e faz o trabalho até mais dobrado do que aquele outro, porque ele é novo, porque ele é da localidade, sabe? E vive uma situação no clube... Por exemplo, eu citei o Clube do Remo porque trabalhei lá e vi. A parte onde eles abrigam o jogador tem rato, comida, ratos na cozinha, rato para tudo quanto é lado, e não tem uma fiscalização dentro dessas cozinhas, uma fiscalização dentro desses clubes com relação à estrutura. (*Pausa.*)

Encontramos o vídeo, mas a Câmara não libera para exibição. Mas, enfim, o que falava já dei o *link*, não é? Se vocês quiserem buscar nos computadores de vocês, é um *link* que está na página do *Globo Esporte*, que fala sobre peneiras de garotos. Uma matéria que passou agora, domingo de manhã. Então, eles selecionaram para, mais ou menos, cem ou mais garotos de vários Estados. Esses garotos tiveram que passar por uma peneira rigorosíssima, para serem enviados à Europa, para passar uma semana no clube do Barcelona. E no depoimento dos dois meninos — só dois; de toda essa gama de garotos que foram selecionados no Brasil



inteiro, só dois foram —, no depoimento deles dois, muito emocionados e tudo, a única coisa que eles falam... Tem um garoto que fala lá e diz que a primeira coisa que ele pensou foi na mãe dele, quando ela deu o voto de confiança de ele sair da casa dele, porque ela não abria mão de nenhum filho, por nada no mundo, mas ela acreditou no potencial dele e deu aquele voto de confiança para ele, e ele foi vencedor. E era justamente isso. Agora, não bastando a emoção daqueles meninos — e eu acredito que seja um projeto sério; não sei, eu estou duvidando de tudo até agora, mas eu acredito que seja, tomara que seja —, e aqueles garotos que ficaram para trás? Porque, no meio do vídeo, na lateral do campo onde estava tendo a peneira, tinha um monte de olheiro. É muito fácil. Você nem precisar ir aos interiores ou aos Estados buscar esses meninos, ir atrás. Está todo mundo ali, vulnerável, triste, porque não passou. Só vai lá, conversa. Já não precisa nem conversar com a família; já saiu de lá. O garoto já faz a ligação para a mãe e diz assim: *“Mãe, olha, eu não passei aqui, mas teve um outro cara, muito gente boa, que me deu uma outra oportunidade”*. E aí o garoto já ruma para outro lado. Então, são situações para as quais a gente precisa de fiscalização. Finalmente a gente chegou — eu fiquei mais alegre, como diz a minha mãe — a um ponto que faz valer todos esses 4 anos de trabalho. É preciso, urgente, necessário demais. Chega a ser desumano — porque não é descaso, mas chega a ser desumano — não ter uma fiscalização em cima desse escoamento humano tanto para tráfico humano quanto esportivo ou qualquer um desses que seja. Eu vejo de forma desumana até a gente não ter uma comissão fiscalizadora dessa modalidade, dessa atividade. Se for criada, se daqui os senhores conseguirem criar essa comissão ou se tiver, até da própria Comissão, uma fiscalização, eu me sinto muito contemplada.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Miriquinho Batista) - Então, nós queremos agradecer aqui a contribuição pelas suas informações, seus estudos.

Nada mais havendo a tratar, agradeço a presença de todos e encerramos os nossos trabalhos.

Haverá eleição para 1º Vice-Presidente na próxima reunião da CPI, dia 21 de agosto.

Bom dia a todos.